

## A Angústia e o Desejo do Analista – Simpósio de Salvador (2000)

Por Arlete Mourão

Enquanto elemento/conceito chave da clínica lacaniana, o *desejo do analista* continua dando margem a várias leituras. Do que é mesmo que se trata? Haveria uma relação ou equivalência entre o *desejo do analista* e o *desejo de saber*?<sup>1</sup> . Como um estudo sobre a angústia nos ajudaria a desenvolver um pouco mais essa questão?

Minha intenção aqui é apenas levantar alguns pontos do *Seminário 10*, de Lacan, *A Angústia*, mediante os quais, penso, poderíamos relançar o questionamento desse conceito fundamental para a clínica.

Começo por lembrar a colocação que Lacan faz no início da última conferência do seminário em questão:

*[...] Concluirei hoje o que me propus a dizer este ano sobre a angústia. Marcarei seu limite e função, indicando por aí onde espero que se continuem as posições que somente permitem, permitirão, se é possível, cercar o que é do papel do analista [...].*

Isto nos dá uma idéia sobre como a relação entre o que é da ordem da angústia e o que vem a ser o *desejo do analista* é passível de ser abordada num estudo desse seminário.

Já, desde as primeiras conferências, tal relação pode ser encontrada em afirmações como:

- *[...] no terreno da angústia, ao enodar-se mais estreitamente, cada um (analistas)<sup>2</sup> ocupará melhor seu lugar [...]*<sup>3</sup>.

- *[...] a angústia à qual nós anunciamos aqui uma fórmula, é uma angústia que nos (analistas)<sup>4</sup> responde, é uma angústia que nós provocamos, é uma angústia com a qual temos, no caso, uma relação determinante[ (...)]<sup>5</sup>.*

Afirmações como essas, e muitas outras durante o seminário, permitem-nos dizer que essa relação se dá, basicamente, por duas vias: a do *Outro* e a do *objeto a*, lugares ocupados pelo analista.

Pela via do *Outro*, uma aproximação de tal relação já pode ser vislumbrada numa das primeiras definições da angústia, que encontramos no seminário: (...) *A angústia é uma certa relação com o desejo do Outro (...)*<sup>6</sup>. Essa dimensão do *Outro*,

---

<sup>1</sup> Sônia Duarte, em seu último texto enviado a ipb-lista, sob o título “Contribuição para o Simpósio”, refere-se ao DESEJO DE ANALISTA, enquanto desejo de saber, correlacionando-o à operação de separação relativa aos tempos de causação do sujeito. Aí, Desejo DE Analista, seria o mesmo que desejo DO analista?

<sup>2</sup> O que está entre parênteses é acréscimo meu.

<sup>3</sup> Conferência 4.

<sup>4</sup> Acréscimo meu.

<sup>5</sup> Conferência 5.

<sup>6</sup> Conferência 1.

estando presente o tempo todo em uma análise, implica a angústia se ligar ao analista na medida em que este vem ocupar esse lugar – lugar do Outro: (...) *essa dimensão do Outro, onde nós encontramos nosso lugar, nosso lugar eficaz, pelo qual justamente sabemos não reduzi-lo (...)*<sup>7</sup>.

Nessa perspectiva, não me parece haver maiores problemas em se definir o *desejo do analista* como se referindo a uma *instância desejant*, e que nada tem a ver com o desejo de um indivíduo x ou y – com o que a pessoa do analista quer, por exemplo –, mas com uma *instância desejante* que põe em ação o *desejo do Outro*. Tem a ver com uma posição do analista diante da questão *o que ele quer*, colocada pelo sujeito analisante. Sustentar essa *instância desejante* significa, para o analista, ausentar-se da relação analítica enquanto pessoa, enquanto *sujeito demandante* e, com isso, permitir que a questão levantada para o analisante sobre o *desejo do Outro* não se obture com um *ele quer isto, ou aquilo*. Dessa forma, o sujeito pode haver-se com sua própria castração, ou seja, com a existência da falta no Outro. Nesse sentido, o *desejo do analista* remete o analisando ao lugar de sujeito, e o analista ao lugar do objeto – *do objeto a* – ou melhor, de fazer função de semblante desse objeto.

Pela via do *objeto a*, na medida em que cabe ao analista *fazer semblante de a*, a imbricação da angústia com o desejo do analista pode ser recortada, ainda, através de afirmações como:

- [...] *A angústia é um sinal em relação com o que acontece na relação de um sujeito (S barrado) num momento de vacilação do objeto a [...]*<sup>8</sup>;

- [...] *A angústia se manifesta vinculada ao desejo do Outro, na medida em que não sei qual objeto a sou para esse desejo [...]*<sup>9</sup>.

Essa via do *objeto a* parece ser a mais próxima para uma apreensão sobre o que se trata, de fato, no *desejo do analista*, mas, também, a mais sutil, em termos de sua especificidade na clínica.

Falar do *objeto a* significa falar da *falta* e da *angústia de castração*, e é aqui, então, que trago a questão para discutirmos. Para tal, finalizo recortando mais algumas colocações do seminário:

- [...] *É em função de que estamos (analistas)<sup>10</sup> no limite de algo que designamos, na análise, o lugar da falta (lugar do objeto a)<sup>11</sup>, que essa inserção, esse implante (a interpretação)<sup>12</sup> permite a um sujeito, como uma falta, encontrar aí a possibilidade de se abrir (...)*<sup>13</sup>;

---

<sup>7</sup> Conferência 5.

<sup>8</sup> Conferência 7.

<sup>9</sup> Conferência 25.

<sup>10</sup> Acréscimo meu.

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> Conferência 10.

- [...] *Se chegamos ao desejo do analista é porque, em princípio, a angústia do analisando responde a esse desejo, e porque o manejo dessa angústia não pode ser eludido da técnica [...]*<sup>14</sup>;

- [...] *O que faz de uma psicanálise uma aventura única é essa busca do agalma no campo do Outro. Tenho interrogado muitas vezes sobre o que convém que seja o desejo do analista para que, lá onde tentamos colocar as coisas, além do limite da angústia, o trabalho seja possível. Certamente, convém que o analista seja aquele que tem podido, por pouco que seja, por qualquer viés, por qualquer abordagem, fazer entrar seu desejo nesse a irreduzível (...)*<sup>15</sup>.

Abrindo o debate, então, coloco: Como, mediante essas aproximações, poderíamos apreender melhor o que pode ser este *fazer entrar seu desejo nesse a*, de forma que se possa articular isto com o *desejo do analista*?

Poderíamos afirmar, a partir delas, que falar de *desejo do analista* significa, basicamente, falar do *objeto a*, ou seja, falar da *falta de objeto*, falta essa a ser encarnada pelo analista, que para tal não pode desejar?

E como fica, aí, nessa suspensão do desejo no *desejo do analista*, a própria *angústia do analista*?

---

<sup>14</sup> Conferência 12.

<sup>15</sup> Conferência 25.